



Cuidem de mim

O que uma criança faz quando descobre que seus pais nunca mais voltarão? POR RITA KOMUNDA

Eu e minha irmã gêmea, Ruth, nascemos em 1988, numa cabana de barro na África Central.

Nossos pais, Sam e Rachael, eram amorosos, mas viviam numa época terrível.

Todo dia, em Gitega, no Burundi, onde mamãe e papai trabalhavam como agricultores, os rebeldes hutus da oposição atacavam os integrantes da nossa tribo tutsi, que estava no governo. Cadáveres eram jogados nas ruas...

“Que tipo de vida nossas filhas terão aqui?”, perguntou meu pai à minha mãe. “Precisamos achar um lugar seguro.”

Uganda, 240 quilômetros ao norte, era relativamente pacífica, mas, para chegar lá, nossa família teria de cruzar Ruanda, onde a luta entre tutsis e hutus era ainda mais feroz.

Mamãe e papai embrulharam nossos poucos pertences, prenderam Ruth e a mim nas costas e, levando conosco nossa tia Katie,* de 11 anos, juntaram-se a um dos muitos grupos de refugiados tutsis que fugiam do Burundi.

O avanço a pé era lento, menos de cinco quilômetros por dia. Vivíamos de frutas, não tínhamos mapas e fazia um calor de rachar enquanto procurávamos o caminho pelos desfiladeiros das montanhas e vales cobertos de florestas. Os grupos hutus percorriam o campo. Quando sabíamos que estavam por perto, tínhamos de nos esconder na floresta, muitas vezes durante dias.

Depois de um mês de viagem, chegamos a Muyinga, perto da fronteira de Ruanda. “Esperem aqui”, disse papai perto da cidade. “Verei se os moradores nos dão de comer.” A noite caiu e nem sinal dele. Mamãe pressentiu o pior. No dia seguinte, entramos no povoado e o vimos caído na rua. Fora surrado até a morte por um grupo de hutus.

Mamãe sabia que não havia tempo para chorar. “Temos de deixá-lo onde está”, disse ela. Fugimos imediatamente. Nossa viagem continuou pela fronteira até o sudeste de Ruanda, numa aldeia da província de Kibungo.

Com mais dez tutsis, nos escondemos numa cabana abandonada enquanto mamãe ia à frente para verificar se havia algum hutu por ali. Ela não voltou naquela noite. Sozinha com duas crianças pequenas no mato, Katie repetia a si mesma: “Rachael vai voltar.”

Esperamos dias e semanas na cabana. Os outros tutsis foram embora.

“Mamãe! Mamãe!”, gritávamos na noite vazia, assustadas e sozinhas.

Dois meses depois, Katie finalmente aceitou o fato de que mamãe provavelmente fora sequestrada ou morta.

“Não é mais seguro ficarmos aqui”, disse ela de repente. “Temos de viajar de novo.” A menina amarrou Ruth e a mim a seu corpo e saiu andando em direção à floresta.

A floresta era como um paraíso. Os pássaros cantavam de manhã e havia frutas por toda parte: figos selvagens e amoras. Mas o paraíso podia virar inferno num piscar de olhos. Encontramos outros tutsis e, à noite, eles faziam fogueiras para se aquecer. As fogueiras também atraíam hutus. Encontramos crianças chorando sobre o corpo de seus pais coberto de moscas. Algumas vítimas ainda nem tinham morrido e os abutres já tentavam se alimentar delas.

Por fim, depois de passar dez meses caminhando, chegamos a Uganda. Katie, Ruth e eu nos sentimos mais seguras, mas ainda estávamos sozinhas no mundo, dormindo ao relento e vivendo de restos.

Certa manhã, depois de passar a noite num canteiro de obras, Katie foi acordada pela voz de uma mulher:

“Quem são vocês e o que estão fazendo aqui?”

Katie contou à mulher, Jane,* a nossa história. Ela chorou de emoção e nos convidou para ir à sua casa em Kasese, onde também era agricultora.

* Nomes trocados para garantir privacidade.

A casa, que ela dividia com a filha Alice,* de 4 anos (Jane não contou o que acontecera ao marido), era feita de tijolos de barro e tinha sacos em vez de camas, mas, comparada àquilo com que estávamos acostumadas, parecia magnífica. Ela nos deu comida, água e roupas.

“Vocês três podem morar aqui”, disse. “Mas em troca terão de limpar a casa e trabalhar na horta.”

Ficamos muito felizes por encontrar um novo lar, e Jane se tornou quase nossa mãe, dando-nos tudo o que podia. Muitas vezes me sentia sozinha e com saudades dos meus pais, mas, graças também ao apoio de Jane, passava meus dias quase sem cicatrizes emocionais.

Em 1993, a tensão étnica no Burundi e em Ruanda cresceu e transformou-se em guerra civil declarada. Os hutus costumavam cruzar a fronteira de Uganda em busca de refugiados tutsis. Certa noite, em 1995, quando Ruth e eu tínhamos 7 anos, bateram à porta. Jane mandou que nos escondêssemos debaixo da cama enquanto ela, apressada, limpava nossos pratos.

Três homens armados estavam lá fora. Jane os convenceu de que na casa só havia ela e Alice, mas, depois que se foram, nos disse:

“Se eles encontrarem vocês, matarão todos nós. É melhor irem embora.”

É claro que Jane não nos abandonaria, e, mais tarde, naquela mesma noite, afirmou que poderíamos continuar ali, mas nossa vida estava correndo perigo. Nos quatro anos seguintes, houve mais duas incursões de grupos hutus à casa. Por sorte, nas duas vezes estávamos na escola.

Apesar do torvelinho à nossa volta, continuamos felizes, até certa

noite em que Ruth e eu tínhamos 11 anos. Katie voltou para casa parecendo desorientada. Sentou-se conosco na cozinha e disse: “Não se assustem, mas fui escolhida por um agente.”

Conversávamos na escola sobre aqueles misteriosos “agentes”.

Eles observavam e faziam aos amigos perguntas sobre a vida das pessoas. Alguns diziam que trabalhavam para uma instituição de caridade e outros que eram das Nações Unidas. Se achassem que alguém estava muito necessitado ou corria perigo, davam-lhe um tapinha no ombro e diziam que ganharia uma passagem para longe da África, para o asilo no estrangeiro.

Ficamos contentes por Katie, mas naquela noite Ruth e eu nos abraçamos e choramos. Katie fora o centro de nossa vida desde sempre. Ainda assim, antes de partir, ela prometeu que mandaria alguém nos buscar. Sentimos que podíamos confiar nela.

“Vimos crianças chorando sobre o corpo coberto de moscas dos pais.”

Jane nos contou que levaria tempo para uma moça de 21 anos, como Katie, se adaptar à vida aonde quer que fosse. E levaria tempo também conseguir alguém que nos buscasse. Mas quando se passaram meses sem qualquer notícia, ficamos preocupadas. Os hutus matavam e sequestravam dezenas de tutsis em nossa região, e podíamos ser as próximas. Ela teria nos esquecido?

Três anos se passaram. Agora com 15 anos, Ruth e eu tínhamos nos resignado à vida de medo e incerteza em Uganda.

Então, do nada, Jane voltou para casa com um grande sorriso.

“Falei com alguns agentes”, disse ela. “Vocês vão ver Katie.”

Dali a alguns dias, um homem bateu à porta, colocou-nos na traseira da picape e nos levou ao aeroporto. Quatorze horas depois, em 2 de julho de 2003, estávamos em Heathrow, Londres, correndo para abraçar Katie. Choramos de alegria. Katie explicou como fora difícil conseguir que nos levassem para a Grã-Bretanha antes de milhares de outros refugiados.

“Espero que saibam que eu nunca as abandonaria”, ela disse.

Katie nos levou até sua casa em Barking, leste de Londres. Ficamos ofuscadas com essa terra nova e estranha: até as partes mais sujas de Londres pareciam um paraíso.

Ruth e eu passamos o restante da adolescência morando com Katie, que estudava para ser contadora. Na escola, estudamos muito e sempre evitamos andar com gente ruim. Um amigo gostava de *rap* e achava que era bandido. Certo dia, mostrou-me uma arma que tinham lhe dado. “Quero ficar famoso nas ruas”, gabou-se.

Contei-lhe minha vida e o mal que vira as armas fazerem, sobre o pai e a mãe que eu mal conhecera. Ele devolveu a arma no dia seguinte.

Hoje tenho 20 anos e trabalho como auxiliar de dentista. Ruth estuda Administração e Finanças na universidade. Este país em que vivo nos deu oportunidades e é um privilégio estar aqui. Apesar de tudo o que passei, sinto como se tivesse ganhado na loteria.

Conforme contado a *Nick Morgan*

SEM MOTIVOS PARA SE PREOCUPAR

Pouco depois de ganhar meu primeiro computador, tive um problema com ele. Decidi pedir ajuda ao meu vizinho, mais experiente. Apreensivo, perguntei:

– Evandro, não é vírus, é?

E minha mãe resolveu entrar no assunto:

– Ah, para de bobagem, menino! Teu padrinho trabalha com isso há dez anos e nunca pegou nada!

Eduardo Tadeu Bacalhau, São Paulo (SP)

